

Aula 3 – O Papel dos Médiuns nas Comunicações e nas Reuniões Mediúnicas - 4º Semestre

Objetivo:

- Recapitular os conceitos referentes à mediunidade e preparar o aluno ao exercício de orientação aos espíritos enfatizar a influência do médium nas comunicações.
- Analisar a natureza das reuniões; frívolas, experimentais e instrutivas

Bibliografia:

LM - Cap. 19 - O Papel dos Médiuns nas Comunicações Mediunidade e animismo;

LM - 2ª parte - Cap. 7 - Da Bicorporeidade e da Transfiguração Obsessão e animismo;

O.P. 1ª Parte - item 32 - Aparição de pessoas vivas, bicorporeidade

(*) Mecanismos da Mediunidade - Cap. 23 - Animismo - (André Luiz) Francisco Candido Xavier

(*) Reuniões Mediúnicas - Projeto Manoel P. de Miranda

Aula Prática - Manifestação Mediúnica

O PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES

O termo médium tem a sua origem na língua latina (médium) e é aquele que serve de instrumento entre os dois pólos da vida: física e espiritual.

"Médium é o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados", conforme acentuou o espírito Erasto, em memorável comunicação sobre a mediunidade dos animais, inserta em "O Livro dos Médiuns", capítulo XXII, item 236.

Desta forma o Espírito do médium é o interprete do Espírito comunicante, porque está ligado ao corpo que serve de comunicação e porque é necessária essa cadeia entre o médium e os Espíritos, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia à distância, e na ponta do fio uma pessoa inteligente que a receba e a comunique. Daí entende-se que o papel do médium é sempre ativo nas comunicações, seja ele consciente ou inconsciente.

Lembremo-nos do que são médiuns consciente ou inconsciente.

- Consciente: o médium sabe o que o Espírito quer falar antes que o faça.

Há exteriorização do perispírito do médium de apenas alguns centímetros e a formação da atmosfera fluídica entre as suas irradiações perispirituais e as do Espírito comunicante. O Espírito emite o pensamento e tenta influir sobre o órgão material do médium; o médium sente essa influência e capta o pensamento do Espírito comunicante na origem, antes de falar, e pode transmiti-lo ou não.

Se concordar em falar, transmite a ideia conforme a entende e usando seu próprio estilo, vocabulário e construção de frases.

- Inconsciente: exteriorização total do perispírito do médium e formação da atmosfera mediúnica; inexistente ligação entre o cérebro do médium e a mente do manifestante e mesmo entre a sua própria mente perispiritual e o cérebro físico. Ocorre uma atuação mais direta do comunicante sobre o organismo mediúnico, através dos centros nervosos liberados. A mensagem é transmitida sem que o médium guarde consciência cerebral dela, em Espírito, porém o médium está consciente - desde que não esteja em processo obsessivo.

Portanto, no aspecto funcional a influência do médium na comunicação pode ser:

• Quanto à forma de expressão do pensamento: o espírito pode exprimir-se em língua que ele mesmo não conheceu em nenhuma de suas existências terrenas mas que é familiar ao médium porque o Espírito estará emitindo o pensamento e o médium "traduzindo" em um dos idiomas terrestres que conheça. O Espírito também pode fazer que o seu pensamento seja reproduzido em um idioma que lhe é familiar mas ao médium não - nem em outra existência; a dificuldade, neste caso, está em que terá de procurar os sons conhecidos pelo médium em outros idiomas e tentar reuni-los formando as

palavras do idioma que quer empregar. A mesma resistência mecânica encontrará o Espírito quando quiser escrever por um médium analfabeto, desenhar por um médium que não possua técnica ou aptidão para isso.

- Quanto ao conteúdo do pensamento a ser expresso: por processo análogo e com igual dificuldade, o Espírito poderá conseguir que o médium pouco desenvolvido intelectualmente, transmita comunicações de ordem elevada. Mas, comumente, o médium "interpreta" o pensamento do espírito. Se não compreender o alcance desse pensamento, não o poderá fazer com fidelidade. Se compreender o pensamento mas, por falta de simpatia ou outro motivo, não for passivo (isto é, se misturar suas idéias próprias com as do Espírito comunicante), deformará o pensamento comunicado.

Observação:

Não só o Espírito tem suas aptidões particulares, também o médium possui um "matiz" especial a colorir sua interpretação.

Um único médium, por melhor que seja, não fornecerá boas comunicações em todos os gêneros de manifestações e conhecimentos. O Espírito preferirá o médium que menos obstáculos ofereça às comunicações usuais e de certa extensão, embora possa, na falta de instrumento melhor e ocasionalmente, servir-se do que tem à mão.

Conclui-se, desta forma, que cabe ao médium desenvolver-se intelectualmente e moralmente, para oferecer extensa faixa de interpretação e forma mais fiel ao pensamento do Espírito comunicante.

PARTE A - O PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES

"Demonstrada pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, e a possibilidade de agirem sobre a matéria, devemos agora saber como se efetua essa operação e como eles agem para mover as mesas e outros corpos inertes" (L.M., 2ª parte, Cap. IX item 72).

Quando se conhecem a natureza dos Espíritos, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que podem exercer sobre a matéria, a atuação deles nas aparições, como no caso das mãos fluídicas e até mesmo tangíveis que pegam objetos e os carregam, fica sempre a pergunta: qual a necessidade de médiuns? O Espírito não poderia agir sozinho?

Kardec consultou os Espíritos, e as explicações foram dadas pelo Espírito São Luiz: "Como um Espírito pode mover um corpo sólido? Combinando uma porção de fluido universal com o fluido que desprende do médium apropriado a esses efeitos" (L.M., 2ª parte, Cap. IV, item 74, perg. 8).

Nestes fenômenos, a causa preponderante é o Espírito, e os fluidos são o seu instrumento. Por exemplo, se o Espírito quiser mover uma mesa, ele irá envolver essa mesa com os fluidos. "Assim preparada, o Espírito a atrai e a movimenta, sob a influência de seu próprio fluido, emitido pela sua vontade [...] Por sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode agir sobre a matéria grosseira sem intermediário, ou seja, sem o liame que o liga à matéria. Esse liame, que chamai perispírito, oferece a chave de todos os fenômenos espíritas materiais" (L.M., 2ª parte, Cap. IV, item 74, perg. 9). É através de seu perispírito que o Espírito manipula o fluido universal.

Complementa Herculano Pires, em nota à perg. de n.º 15: "Misturando o fluido animal do médium com o fluido universal do Espírito, temos um pouco da natureza humana e um pouco da espiritual, formando um elemento intermediário. Impregnada a mesa com esse elemento, o fluido material se liga à madeira e o fluido espiritual fica ligado ao pensamento do Espírito".

O médium colabora, portanto, doando seus fluidos mais densos. Afirma Kardec que "a emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante e sua combinação mais ou menos fácil, e daí os médiuns mais ou menos possantes" (L.M., 2ª parte, Cap. IV, item 75). Esclarecem os Espíritos que há "pessoas inteiramente refratárias, outras em que a combinação só se verifica pelo esforço de sua própria vontade, e outras, enfim, em que se dá tão natural e facilmente, que nem a percebem, servindo de instrumentos sem saberem" (L.M., 2ª parte, Cap. IV, item 74, perg. 19).

As pessoas ditas elétricas "tiram de si mesmas o fluido necessário à produção dos fenômenos e podem agir sem auxílio dos Espíritos. Não são propriamente médiuns, no sentido exato da palavra. Mas pode ser também que um Espírito as assista e aproveite as suas disposições naturais" (L.M., 2ª parte, Cap. IV, item 74, perg. 20). Em nota a essa resposta, Kardec acrescenta que estas pessoas agiriam como os sonâmbulos, que podem atuar sem a colaboração dos Espíritos.

É importante considerar que esse fenômeno extingue-se com o fim da ação, e até, muitas vezes, antes que a ação termine, quando a quantidade de fluido não for suficiente para animar o corpo sólido. No exemplo da mesa, Herculano Pires coloca que "isto explica as interrupções inesperadas de comunicações. A falta de fluido faz a mesa cessar de mover-se, como se o Espírito comunicante se houvesse ausentado" (nota à perg. 14, do item 74).

E necessário lembrar também que os Espíritos superiores não se ocupam em produzir esses efeitos; eles possuem a força moral, e, quando necessitam provocar esses efeitos físicos, se servem dos Espíritos inferiores como os homens se servem de carregadores. Observa Kardec que a densidade do perispírito varia de acordo com a natureza dos mundos e segundo os indivíduos. Nos seres moralmente adiantados é mais sutil, e que nos inferiores, é mais próxima da matéria. Essa densidade do perispírito estabelece maior afinidade com a matéria e torna os Espíritos menos evoluídos mais aptos para as manifestações físicas.

Bibliografia: O Livro dos Médiuns - Allan Kardec

PARTE B - SERVIÇO MEDIÚNICO E A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

O bom serviço mediúnico é consequência da responsabilidade com a qual o médium realiza seu trabalho. O médium é o intermediário entre as esferas física e espiritual, portanto, sua tarefa é a de ser instrumento dos Espíritos superiores e trazer da melhor forma suas mensagens instrutivas e consoladoras.

A responsabilidade perante sua tarefa deve permear seu trabalho através da dedicação com a qual se aplica a ela, no dia-a-dia, desempenhando o seu apostolado mediúnico com o exato sentido do dever a realizar. "O dever é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo, e depois para com os outros. O dever é a lei da vida: encontramos-lo nos mínimos detalhes, como nos atos mais elevados" (E.S.E., Cap. XVII, item 7).

O aspecto moral é fundamental, e, embora a presença da mediunidade não seja necessariamente indício de elevação moral, não ocorre o mesmo com seu uso, que dependerá do tipo de sintonia que o médium estabelecerá com os Espíritos, superiores ou inferiores. O trabalhador do bem é reconhecido pela qualidade de seu caráter, pelo cultivo das virtudes, pelo papel moralizador de sua tarefa e pelos resultados de sua obra. A moral cristã é seu guia diário de conduta.

O bom médium não será o homem perfeito, mas se encontrará em luta constante pela sua renovação interior, realizada através de sua reforma íntima. "Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações" (E.S.E., Cap. XVII, item 4). O médium cristão será aquele cujo coração já foi tocado pelo amor ao próximo e o estará praticando através da caridade e da solidariedade com os aflitos e necessitados.

O esclarecimento, promovido pelas leituras e estudos da obra de Kardec, propicia a real consciência dos processos mediúnicos, de suas modalidades, das particularidades de seu desenvolvimento, da responsabilidade de sua prática e dá condições para que o médium conheça sua própria sensibilidade mediúnica. O apóstolo João nos legou uma advertência importante: "Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus; pois muitos falsos profetas vieram ao mundo" (I Epístola de]João Cap. 4 vers. 1).

A prática mediúnica alicerçada na seriedade e na fidelidade cristã, conduz o médium a afastar-se de reuniões levianas e a frequentar apenas reuniões sérias e instrutivas, tanto no sentido doutrinário quanto no evangélico. A disciplina e a ordem também são essenciais para obter a colaboração da espiritualidade superior. A responsabilidade necessária ao serviço mediúnico também envolve a devida preparação perante o trabalho.

Leituras edificantes, abstenção de pensamentos e atos impróprios, autocontrole emocional, evitar abusos em atividades físicas ou alimentares de toda espécie, abandono dos vícios que deterioram seu organismo, a disciplina de horários, a meditação e a prece são pré-requisitos para que o médium desempenhe da melhor forma seu mediunato.

Acima de tudo, o médium deve estar convencido da necessidade de servir ao próximo, levando a esperança e o consolo através do influxo da esfera superior e do correto embasamento cristão, com a humildade suficiente para colaborar sem impor-se e com a determinação voltada à realização de sua tarefa eliminando obstáculos e dificuldades de toda ordem.

Bibliografia

Palavras de Vida Eterna, lição 43 - Emmanuel
Conduta Espírita, lições 4, 11 e 27 - André Luiz
Segue-me, lição "Mandato Pessoal" - Emmanuel
O Espírito da Verdade, lição 5 - Emmanuel

Cap. 19 – PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES

INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO MÉDIUM

SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES

APTIDÃO DE CERTOS MÉDIUNS PARA LÍNGUAS, MÚSICA, DESENHOS, ETC.

DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS

223. 1. No momento em que exerce a sua faculdade o médium se acha em estado perfeitamente normal?

— Às vezes se acha num estado de crise mais ou menos definido. É isso que o fadiga e é por isso que necessita de repouso. Mas, na maioria das vezes, seu estado não difere muito do normal, sobretudo nos médiuns escreventes.

2. As comunicações escritas ou verbais podem ser também do próprio Espírito do médium?

— A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. Se ela goza de um certo grau de liberdade, recobra então as suas qualidades de Espírito. Tens a prova na visita das almas de pessoas vivas que se comunicam contigo, muitas vezes sem serem chamadas. Porque é bom saber que entre os Espíritos que evocas há os que estão encarnados na Terra. Nesses casos eles te falam como Espíritos e não como homens. Por que o médium não poderia fazer o mesmo?(1)

2. a . Esta explicação não parece confirmar a opinião dos que acreditam que todas as comunicações são do Espírito do médium e não de outro Espírito?

— Eles só estão errados por entenderem que tudo é assim: Porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si, mas isso não é razão para que outros Espíritos não pudessem agir também por seu intermédio.(2)

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o médium ou se é outro Espírito?

— Pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás. É sobretudo no estado sonambúlico ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, pois então se acha mais livre. No estado normal é mais difícil. Há resposta, aliás, que não lhe podem ser atribuídas. Por isso é que te digo para observar e estudar.

Observação de Kardec: Quando uma pessoa nos fala, facilmente distinguimos o que é dela e o de que ela apenas se faz eco. Acontece o mesmo com os médiuns.

4. Desde que o Espírito do médium pôde adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu no seu corpo atual, mas dos quais se lembra como Espírito, não o pode tirar do fundo de si mesmo as idéias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

— Isso acontece muitas vezes nos casos de crise sonambúlica ou extática, mas ainda assim existem circunstâncias que não permitem a dúvida: estuda longamente e medita.

5. As comunicações do Espírito do médium são sempre inferiores às que pudessem ser dadas por outros Espíritos?

— Sempre, não, pois o Espírito comunicante pode ser de uma ordem inferior à do médium e nesse caso falará com menos sensatez. Vê-se isso no sonambulismo, pois sendo o Espírito do sonâmbulo o que freqüentemente se manifesta, no entanto diz algumas vezes coisas muito boas.

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento ou tem como intermediário o Espírito do médium?

— O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para a comunicação e porque é necessária essa cadeia entre vós e os Espíritos comunicantes, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia à distância, e na ponta do fio uma pessoa inteligente que a receba e comunique.⁽³⁾

7. O Espírito do médium influi nas comunicações de outros Espíritos que ele deve transmitir?

— Sim, pois se não há afinidade entre eles, o Espírito do médium pode alterar as respostas, adaptando-as às suas próprias idéias e às suas tendências. Mas não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes. É apenas um mau intérprete.

8. É essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

— Não existe outro motivo. Procuram o intérprete que melhor simpatize com eles e transmita com maior exatidão o seu pensamento. Se houver simpatia entre eles, o Espírito do médium será um antagonista que lhe oferecerá resistência, tornando-se um intérprete de má vontade e quase sempre infiel. Acontece o mesmo entre vós, quando as idéias de um sábio são transmitidas por um insensato ou uma pessoa de má fé.

9. Concebe-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas quando se trata de médiuns mecânicos?

— Não compreendestes bem a função do médium. Há uma lei que ainda te escapa. Lembra-te de que, para produzir o movimento de um corpo inerte o Espírito necessita do fluido animalizado do médium, de que se serve, por exemplo, para animar momentaneamente a mesa, fazendo-a obedecer à sua vontade. Pois bem, para uma comunicação inteligente ele necessita também de um intérprete inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.

9 . a . Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando estas e outros objetos inertes, como as pranchetas e as cestas, respondem de maneira inteligente, parece que o Espírito do médium não tem nenhuma participação?

— É um engano. O Espírito pode dar uma vida factícia momentânea a um corpo inerte, mas não a inteligência. Jamais um corpo inerte teve inteligência. É pois o Espírito do médium que recebe o pensamento sem o perceber e o transmite pouco a pouco, com a ajuda de diversos intermediários.⁽⁴⁾

10. Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium não é jamais completamente passivo?

— Ele é passivo quando não mistura suas próprias idéias com as do Espírito comunicante, mas nunca se anula por completo. Seu concurso é indispensável como intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos.(5)

11. Não há maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

— Sem dúvida, e para algumas comunicações é preferível o médium mecânico. Mas, quando conhecemos as faculdades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, segundo as circunstâncias. Quero dizer que certas comunicações exigem menos precisão.

12. Entre os diferentes sistemas propostos para explicar os fenômenos espíritas há um que pretende estar a verdadeira mediunidade nos corpos inertes, por exemplo, na cesta ou na caixa de papelão que serve de instrumento. O Espírito comunicante se identificaria com o objeto e o tornaria não somente vivo, mas também inteligente, do que resulta a designação de médiuns inertes para os objetos. Que pensas disso?

— Só se tem a dizer o seguinte: se o Espírito transmitisse inteligência à caixa e lhe desse vida, ela escreveria sozinha, sem o concurso do médium. Seria estranho que o homem inteligente virasse máquina e um objeto inerte se tornasse inteligente. É um dos numerosos sistemas surgidos de idéias preconcebidas e que vão caindo diante da experiência e da observação.

13. Um fenômeno bem conhecido poderia tornar admissível a idéia de existir, os corpos inertes assim animados, mais do que a vida e até mesmo do que a inteligência. É o das mesas, cestas etc., que exprimem, nos seus movimentos, a cólera ou a afeição?

— Quando um homem colérico sacode uma bengala não é esta que se acha encolerizada, nem mesmo a mão que a segura, mas o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que a bengala. Não têm nenhum sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência. Numa palavra: não é o Espírito que se transforma em cesta, nem mesmo escolhe a cesta para nela se abrigar.

14. Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, pode-se considerá-los como uma variedade de médiuns, designando-o por médiuns inertes?

— É uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que vos entendais. Sois livres de chamar homens a um fantoche.(6)

15. Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento, não a articulada, e portanto usam apenas uma língua. Assim, um Espírito poderia exprimir-se por via mediúnica numa língua que nunca falara quando vivo. Nesse caso, de onde tira as palavras que emprega?

— Já respondeste a pergunta por ti mesmo, ao dizer que os Espíritos só tem uma língua, que é a do pensamento. Todos compreendem essa língua, tanto os homens como os Espíritos. Ao dirigir-se ao Espírito encarnado do médium, o Espírito errante não fala em francês nem em inglês, mas na língua universal do pensamento. Para traduzir as suas idéias numa linguagem articulada, transmissível, e ele utiliza as palavras do vocabulário do médium.

16. Se for assim, o Espírito só deveria exprimir-se na língua do médium, mas sabe-se que escreve em línguas que lhe são desconhecidas. Não há nisso uma contradição?

— Observe-se primeiro que nem todos os médiuns são igualmente aptos a esse gênero do exercício. Em seguida, que os Espíritos só se prestam a ele acidentalmente, quando julgam que isso pode ser útil. Para as comunicações usuais, de certa extensão, preferem servir-se de uma língua familiar ao médium, que lhes apresenta menos dificuldades materiais a superar.

17. A aptidão de certos médiuns para escreverem numa língua estranha não provém do fato de a terem usado noutra existência, conservando-a na atual em forma intuitiva?

— Certamente isso pode acontecer, mas não é uma regra. O Espírito pode, com algum esforço, superar momentaneamente a resistência material. É o que se verifica quando o médium escreve, na sua própria língua que não conhece.[\(7\)](#)

18. Uma pessoa que não sabe escrever, poderia fazê-lo como médium?

— Sim, mas compreende-se que haverá grande dificuldade mecânica a vencer, pois a mão não está habituada aos movimentos necessários para formar as letras. Acontece o mesmo com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.

19. Um médium de inteligência bem reduzida poderia transmitir comunicações de ordem elevada?

— Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, como das qualidades morais. Na falta de melhor instrumento o Espírito pode servir-se do que tem à mão. Mas é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe oferece menos obstáculos materiais. E há ainda outra consideração: o idiota freqüentemente só é idiota pela imperfeição dos seus órgãos, pois o seu Espírito pode ser mais adiantado do que se pensa. Tens a prova disso por algumas evocações de idiotas mortos ou vivos.[\(8\)](#)

Observação de Kardec: Este é um fato comprovado pela experiência. Numerosas vezes evocamos Espíritos de idiotas vivos, que deram provas patentes de sua identidade, respondendo-nos de maneira muito sensata e até mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se encontra. Um médium idiota pode oferecer, pois, algumas vezes, ao Espírito que deseja manifestar-se, maiores recursos do que se pensa. (Ver Revista Espírita de julho de 1860, artigo sobre Frenologia e Fisiognomia.)

20. Como se explica à aptidão de certos médiuns para escrever em versos, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

— A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em versos como podem fazê-lo numa língua que desconhecem. Além disso podem ter sido poetas em outra existência. Como já disse, os conhecimentos adquiridos nunca se perdem para o Espírito, que deve atingir a perfeição em todas as coisas. Assim, o que eles souberam no passado lhes dá, sem que o percebam, uma facilidade que não possuem no estado habitual.

21. É o mesmo caso dos que têm aptidão especial para o desenho e a música?

— Sim. O desenho e a música são também forma de expressão do pensamento. Os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidades.

22. A expressão do pensamento pela poesia, o desenho ou a música depende unicamente da aptidão do médium ou também do Espírito comunicante?

— Algumas vezes do médium, outras do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões, os Espíritos inferiores têm conhecimentos limitados.

23. Por que motivo um homem dotado de grande talento numa existência não o possui na seguinte?

— Não é sempre assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas pode acontecer que uma faculdade superior adormeça durante certo tempo para facilitar o desenvolvimento de outra. Será um germe latente que mais tarde germinará de novo, mas do qual sempre haverá alguns sinais ou pelo menos uma vaga intuição.

Allan Kardec e os Espíritos Erasto e Timóteo analisam questões fundamentais sobre a prática mediúcnica, visando aos que integram um grupo mediúnico ou dele desejam fazer parte, no capítulo XIX de "O Livro dos Médiuns". Em razão da seriedade e utilidade dos esclarecimentos, o capítulo é indicado como leitura indispensável aos espíritas interessados por essas atividades. Entre todas as ideias aí desenvolvidas duas se sobressaem e são continuamente retomadas pelos citados orientadores: O valor do conhecimento espírita e A boa conduta moral dos médiuns. Considerações sobre o transe mediúnico – denominado de estado de crise à época de publicação do livro – assinalam o início do estudo. Por se tratar de um estado especial, o de alteração da consciência, o transe pode ser mais ou menos acentuado e conduzir à fadiga, que é reparada pelo repouso. Sabe-se, porém, que o desgaste energético decorrente dos transes mediúnicos é relativo, pois há médiuns que raramente apresentam fadiga, antes, durante ou após a prática mediúcnica. A questão da fadiga envolve outros fatores que devem ser considerados, a saber: • constituição orgânica, • idade, • presença/ausência de enfermidade, • estilo de vida, • uso de certos medicamentos, etc. O estado de transe apresenta gradações: nos transes profundos, usuais nos sonambúlicos e nos psicógrafos mecânicos, os médiuns não se recordam dos acontecimentos ocorridos durante a transmissão da mensagem. Em relação aos psicógrafos mecânicos, afirma Kardec que "o pensamento vem depois do ato da escrita". Em oposição, o transe dos médiuns intuitivos é leve, superficial: 2 [...] o médium intuitivo age como faria um intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo e, de certo modo, apropriar-se dele, para traduzi-lo fielmente. Entretanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. É exatamente este o papel do médium intuitivo. Entre os dois extremos há uma ampla gradação de estados alterados da consciência. O médium semimecânico, por exemplo, apresenta aspectos do transe profundo e do transe superficial: [...] Sente que sua mão é impulsionada contra sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. Outro tópico analisado no texto refere-se à participação do médium durante a transmissão do ditado mediúnico. Em princípio, tal intervenção é considerada normal dentro de um limite aceito como tolerável, no qual não se evidencie qualquer interferência no pensamento/ideia do Espírito comunicante. Assim, toda mensagem mediúcnica traz o colorido da personalidade do médium. Quando bem ajustada, essa parceria médium-Espírito define as bases da passividade mediúcnica: o médium é considerado passivo "[...] quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica [...]". Seu concurso [o do médium] é sempre necessário, como o de um intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos". Com base na orientação de Kardec de que o intermediário encarnado funciona sempre como um intérprete, mesmo em se tratando de sonâmbulos e de médiuns mecânicos, é óbvio que sempre ocorrerá alguma interferência anímica: O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre nós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita. No que tange às aptidões especiais demonstradas por alguns médiuns – outro tema estudado no capítulo –, como: transmissão de mensagens em línguas estrangeiras, recebimento de poemas, composições musicais e desenhos etc., há o esclarecimento de que, em geral, tais médiuns adquiriram essas habilidades em existências anteriores, mesmo que na atual reencarnação não sejam ostensivamente detectadas. Entretanto, podem ser recuperadas durante a comunicação mediúcnica, uma vez que "os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito". Todas essas aptidões, ensinam os orientadores espirituais, "são formas de expressão do pensamento. Os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade". O mesmo princípio se aplica à aptidão de certos médiuns para movimentar e deslocar objetos à distância. Nesta circunstância, os objetos são impregnados por fluidos especiais, os ectoplásmicos, liberados pelos médiuns e outros retirados da Natureza e do mundo espiritual, os 3 quais são associados e adequadamente manipulados pelos desencarnados com a finalidade de provocar a manifestação do fenômeno espírita. A transmissão de mensagens, sobretudo as instrutivas, está diretamente subordinada ao conhecimento que o médium

possui, que é secundado pela sua conduta moral. O conhecimento, porém, é visto como fator essencial no estabelecimento de afinidades entre os dois planos de vida: [...] se não houver afinidade entre eles, o Espírito do médium pode alterar as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e inclinações. Porém, não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes, autores das respostas. É apenas um mau intérprete. Não sendo superadas as dificuldades de sintonia (afinidade) mental entre o médium e o Espírito, a comunicação pode se tornar inviável, ou, caso ocorra, não será de boa qualidade. Este tem sido um dos maiores obstáculos encontrados na prática mediúnica, especialmente se a mensagem é subscrita por Espíritos conhecidos e de notório saber. Justifica-se, assim, porque os Espíritos esclarecidos procuram [...] o intérprete que mais simpatize com eles e que exprima com mais exatidão os seus pensamentos. Não havendo simpatia entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência, tornando-se um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que acontece entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por um homem estouvado ou alguém de má-fé. No final do capítulo XIX, Erasto e Timóteo apresentam esclarecedora dissertação mediúnica, uma verdadeira aula que ensina como os médiuns podem se tornar bons instrumentos, exercendo com equilíbrio e sabedoria o papel que lhes cabe nas comunicações espíritas. Destacamos algumas como ilustração: • [...] nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns [...] tão só pela irradiação do nosso pensamento. • Os nossos pensamentos não precisam da vestimenta da palavra para serem compreendidos. [...] Quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por tais ou quais Espíritos, conforme o adiantamento deles [...]. • Assim, quando encontramos em um médium o cérebro repleto de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores [...] preferimos nos servir dele, porque com ele o fenômeno de comunicação se torna muito mais fácil para nós [...]. • Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados a dar ao nosso pensamento a vestimenta da palavra que lhe corresponda e isto quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou inteiramente mecânico.[...] 4 • É por isso que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, ainda que procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. [...] Trazemos um pequeno trecho, porém muito elucidativo, que André Luiz nos traz através da mediunidade de Chico Xavier. “ Observei que leves fios